

## DANIEL DA ROCHA LEITE E O “BURBURINHO” DA INCLUSÃO

Paulo Maués Corrêa  
[paulomauescorrea@yahoo.com.br](mailto:paulomauescorrea@yahoo.com.br)  
<http://lattes.cnpq.br/0491326493716692>

### RESUMO

Este breve estudo consiste num passeio pelo livro *Burburinho*, de autoria de Daniel da Rocha Leite. A protagonista da obra, Maria, é uma menina privada do sentido da visão, mas que possui outros sentidos compensatórios: o tato, experimentado, por exemplo, por meio da leitura em Braille, e a audição, aguçada pela mediação inclusiva – pleonasma proposital – da “intérprete” Joana. Essa obra é tocada a partir de uma postura associada a elementos demarcados por Gaston Bachelard (2001), referência que casa perfeitamente com a postura de Leite, sobretudo por conta da atmosfera de devaneio que caracteriza parte da obra desse autor, especialmente a destinada ao público infantojuvenil. Mas a principal ferramenta vem de Barthes (1992a, 1992b), pois, tal como a protagonista do livro aqui abordado, entrego-me à escuta das múltiplas vozes que emanam da obra, o que também me permite uma postura comparatista ao longo deste estudo.

**Palavras-chave:** Poesia; Inclusão; Cegueira; Devaneio.

Atualmente, mais do que nunca, cada vez mais um debate acerca de práticas de inclusão social é necessário, e isso pode ser feito de várias formas, como a partir de uma militância mais acirrada, mas também com base em ferramentas mais sutis, como a arte, por exemplo, e ela sempre foi útil nesse sentido, embora sua função primeira seja a estética.

Nesse contexto, é oportuno celebrar um livro de Daniel da Rocha Leite que se apresenta ao público leitor infantojuvenil, mas não só a ele: *Burburinho* (2018). Creio que a leitura dessa obra causa mais do que burburinhos nos leitores, talvez “redemoinhos”, para aproveitar a palavra cuja proximidade sonora projeta associações, no corpo do texto, com o título do livro. O autor é natural do Rio de Janeiro, mas se radicou no Pará, onde possui uma consistente carreira literária, pois é ganhador de vários prêmios literários. Ele é advogado e graduado em Letras-Alemão, pela Universidade Federal do Pará – UFPA, além de mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura, pela Universidade da Amazônia – UNAMA, e está cursando doutorado em Estudos Comparatistas na Faculdade de Letras

da Universidade de Lisboa – ULB. Sua bibliografia é extensa e variada, com obras em verso e prosa, destinadas ao público adulto e ao infantojuvenil. Apesar de variedade, ele consegue manter uma escritura em alto nível, de modo que é um dos escritores contemporâneos mais interessantes e produtivos da Amazônia e, provavelmente, do Brasil, posto que seu talento tem sido reconhecido também em concursos literários de âmbito nacional.

Neste breve ensaio, adoto uma postura que combina com a obra selecionada: deixo de lado “Daniel”, pois nada há para ser, necessariamente, julgado na história [já demarquei, noutro estudo, que “o prenome Daniel tem a ver com essa noção de julgar” (CORRÊA, 2016, p.06), peculiar ao advogado], assim como “Rocha”, já que a aspereza que marca outros livros do autor, que não são infantojuvenis, não se faz presente neste caso. Opto por “Leite”, termo citado no texto e que remete ao “mundo de imaginação da menina” (LEITE, 2018, p.08) protagonista e ao conteúdo da aula retratada na história: mamíferos.

Portanto, em *Burburinho*, Leite apresenta, com ternura, oposição ao que se vê nas páginas corrosivas de seu livro de poesia lançado em 2017, *Aguarrás*, o universo de descobertas de uma menina, Maria, que vê através das pontas dos dedos e da “tradução” de outro olhar, de Joana, e o mote para o desenvolvimento da história, ambientada, especialmente, em sala de aula, é a palavra “rinoceronte-branco” (LEITE, 2018, p.07), que surge após a abertura de um livro pontilhado, especial para quem lê com o tato, e é esse o dado inclusivo na obra: a deficiência visual.

Essa postura inclusiva aparece em outros livros do autor, como no conto *A Quatro Mãos*, do livro *Invisibilidades*. Nesse conto, o tópico explorado é o ambiente carcerário feminino e sua total indigência, daí o discurso em favor de pessoas desvalidas socialmente por sua condição de presidiárias, conforme abordei em análise desse texto (CORRÊA, 2016).

Mas, em *Burburinho*, quem ganha voz é uma menina “cega” – essas aspas são para denunciar a inadequação desse termo, pois existem outras formas de se ver, que não sejam com os olhos, e isso é patente no livro de Leite. Aliás, nesse autor, o privar-se da visão proporciona o acesso a outras instâncias, como se observa em *A história das*

*crianças que plantaram um rio* [“Se eu fechar os olhos agora, volto a ser menino” (LEITE, 2013, p.80)], assim como a expansão da própria capacidade de ver, como ocorre em *A menina árvore* [“Quando eu fecho os meus olhos, consigo, enfim, ver algo” (LEITE, 2014, p.23)].

Esse tipo de constância remete à antiga relação entre a cegueira e a arte da palavra: Homero, autor de dois clássicos – *Ilíada* e *Odisseia* – era completamente cego; Camões, autor de *Os Lusíadas*, era cego do olho direito. Fórmula simples [só aplicável ao presente caso]: a cada olho perdido, uma epopeia – Homero, cego dos dois olhos, escreveu dois poemas épicos; Camões, de um só, escreveu *Os Lusíadas*. É como se, realmente, a faculdade de ver fosse além dos olhos, como acontece com Tirésias, o vidente cego da Mitologia Grega. Mas também há outra possibilidade que não seja esse talento especial de Tirésias: ver com os ouvidos e com as pontas dos dedos, [con]fusão de sentidos – “olhos das mãos” (LEITE, 2018, p.43). É isso que faz Maria [a partir da mediação de Joana e do devaneio], em *Burburinho*: ela, tal como os poetas citados, resguardadas as devidas proporções e contextualizações, se entrega aos braços das Musas e se deixa conduzir pelo encantamento das palavras:

Leite, a menina pensou. O rinoceronte-branco, antes de ser palavra crescida, menor apenas que o gigante elefante, foi alguém bem pequeno, um mundo pouco, animal bebê, mamou. Um sorriso escapuliu lento dos lábios da menina. O rinoceronte-branco começava a se desenhar dentro dos olhos de Maria. Palavra virando mundo (LEITE, 2018, p.09).

Esse tipo de processo de criação ou associação coloca o leitor diante do poder da palavra poética, poder encontrado, por exemplo, em uma escritora que, pela ótica aqui adotada, pode ser vista como um alter ego feminino de Leite: Maria Lúcia Medeiros – três palavras em cada nome, com a preposição “de” como elemento que remete ao masculino em Leite (a despeito da presença do artigo feminino “a” em “da”), aspecto enfatizado pelas linguodentais abrindo o primeiro e o terceiro nomes dele [/d/ e /l/], pois destaca-se, nesse tipo de som, a proeminência da língua num movimento ascendente, tipicamente fálico; e as bilabiais abrindo o primeiro e o terceiro nomes dela [/m/ e /m/] – remetendo a uma determinada parte da anatomia feminina – (cromossomos XY e XX, respectivamente

correspondentes ao masculino e ao feminino? – o analista também pode devanear à vontade, nesse universo literário que é um convite à experimentação de possibilidades, extensão da aula de ciências do livro de Leite).

Em um conto de Medeiros, *Ter, Ser*, há a proposição do jogo com as palavras, seus derivados, seus sinônimos... Esse jogo é entendido no sentido que Roland Barthes (1992a, p.16) atribui ao termo: como uma espécie de trapaça *da* e *na* língua. A imaginação do garoto da história não tem limites, o que lhe permite, ao final, escrever algo como um poema, em que o referido jogo com as palavras se mostra de modo mais visceral:

Amar-te eu quero,  
em marte.  
Em Marte não quero  
a morte.  
Só quero tirando o r  
poder dizer amo-te.  
E se teço e anoiteço  
amorteço  
sem estar amortecido  
mesmo tecendo amor.  
(MEDEIROS, 1994, p.45)

Essa é a tônica do conto de Medeiros, que, inserindo esses versos no corpo da narrativa, apresenta o processo de construção do poético, centralizado na figura do menino Marco Antônio: “Era um menino ou era um marco? Era um menino atônito marcando a poesia chegando? Ou era, afinal, só um menino que se chamava Marco Antônio?” (MEDEIROS, 1994, p.45).

A menina Maria, do livro de Leite, também se entrega a esse universo em que Marco Antônio está mergulhado, pois, após a abertura do livro e da descoberta da palavra “rinoceronte-branco”, “A palavra agora é o mundo da imaginação da menina” (LEITE, 2018, p.07).

Em *Burburinho*, o novo se constrói a partir dos pontilhados no livro, Maria decifrando com as pontas dos dedos, e Joana traduzindo as imagens, [trans]fusão de olhos:

Miudinhos, em muitos sussurros tagarelas, murmurinhos entre um silêncio fraterno, Joana partilhava, dos seus olhos para os olhos de Maria, os desenhos da história, que estavam ali lado-a-lado nos brancos pontilhados dentro do livro (LEITE, 2018, p.17).

Esses tantos “olhos” também espreitam o leitor, posto que essa palavra possui, graficamente, um par de olhos, impressos na dupla letra “o”. E o rinoceronte toma a cena da aula. A professora continua sua exposição: “— Tem baixa visão o rinoceronte, mas audição e olfato excelentes” (2018, p.22). No meio da turma, o “burburinho”, o “silêncio”, o “redemoinho”... Identificação entre Maria e o rinoceronte: “*Uma baixa visão*, Maria pensou no rinoceronte-branco. *Mamífero terrestre*. / Ele era ela? Ela era ele?” (2018, p.35) (grifos do autor).

A resposta para as interrogações vem, curiosamente, no plano gramatical:

Maria voltou para casa. Trazia um burburinho na ponta dos dedos. Pensou a tarde inteira no rinoceronte-branco. Ele não era somente mais uma palavra aprendida na leitura da ponta de seus dedos. Agora, para Maria, ele é uma palavra sentida. É assim que Maria sente, sempre quando *um é o outro e o outro é o um* (2018, p.39) (grifo meu).

Nessa passagem grifada, deveria haver uma vírgula antes do “e”, pois, de uma oração para outra, ocorre a mudança de sujeito. Porém, sem esse recurso de pontuação, um e outro entram em simbiose, ainda mais reforçada pela escolha do animal “mamífero terrestre” para assunto do dever de casa:

Para a lição de amanhã, Maria já escolheu o seu mamífero terrestre. Um mamífero que lê com a ponta sensível dos dedos e conhece palavras que nascem nos olhos das mãos. “O Rinoceronte-branco vai gostar de saber” (LEITE, 2018, p.51).

Logo, Maria é uma espécie de duplo do rinoceronte, “*Mamífero terrestre. Baixa visão, olfato e audição prodigiosos*” (LEITE, 2018, p.34). Outros mamíferos são citados, palavras que possuem sonoridade agradável e, a meus ouvidos, engraçada [no caso da primeira]: catita, leão, baleia, elefante, golfinho (LEITE, 2018, p.18).

Há uma lição em *Burburinho*: a paixão pelas palavras – bathesianamente falando, trata-se do “prazer do texto” (BARTHES, 2002) –, a paixão pelo livro, objeto com o qual

Maria dorme abraçada, tal como ocorre com a menina de *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, que, após receber emprestado o tão sonhado *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, deixou de ser uma menina e passou a ser “uma mulher com o seu amante” (1998, p.12).

O que exponho aqui são algumas das vozes que escutei no “burburinho” do livro, mas há tantas outras em “redemoinho”, fazendo-nos crer que, conforme Gaston Bachelard, “Por alguns de seus traços, *a infância dura a vida inteira*” (2001, p.20) (grifo do autor), pois, ao final, “Estrelas invisíveis brilharam no alto do quarto” (LEITE, 2018, p.45).

*Burburinho* é uma obra que traz à baila o debate significativo em torno da inclusão social do deficiente visual, atividade que não é novidade na carreira literária do autor. Um livro anterior, *A história das crianças que plantaram um rio* (2013), já referido, ganhou uma versão em áudio, por iniciativa de Joana Martins, a quem Leite dedica *Burburinho* – nada de coincidência na escolha do nome da personagem-intérprete. Esse “livro falado” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JZDFr7y6ZA0>, com leitura de Joana e do próprio Leite.

A cegueira é assunto abordado por autores dos mais prestigiados, sendo uma das obras mais impactantes, nesse sentido, o romance *Ensaio sobre a cegueira*, do português José Saramago (1995). Mas não se trata de um livro para crianças, a menos que nós, adultos, estejamos acometidos da “cegueira branca” que não nos permitiria ver que o livro – salvo as raras exceções de leitores diferenciados – não é apropriado para um público infantojuvenil, muito diferente de *Burburinho*, que carrega o germe do devaneio, algo presente, por exemplo, em *O Menino e o Poeta*, de Henriqueta Lisboa, considerada por Alfredo Bosi “sutil tecedora de imagens capazes de dar uma dimensão metafísica ao seu intimismo radical” (1988, p.518). Em Leite, é a menina quem nos ensina o universo do devaneio poético:

Seguia o sussurro: — Nariz não, focinho engraçado que parece um quadrado, uma boca quadradinha, com dois abacaxis em cima. Dois chifres não, dois abacaxis no focinho, um grande, outro miúdo, pontinhas pontudas, o rinoceronte é o nosso beliche que anda, a gente

no bem alto dele... andando também. Olha, Maria, olha... o rinoceronte é um gigante retângulo com um rostinho quadrado (LEITE, 2018, p.18);

e, em Lisboa, é o menino:

O menino poeta  
quero ver de perto  
quero ver de perto  
para me ensinar  
as bonitas cousas  
do céu e do mar (2008, p.11).

Como se vê, Leite se insere numa longa e positiva tradição de valorização do olhar infantil, que, no geral, possui em Lobato (1977) sua primeira grande referência, a partir do *Reinações de Narizinho*, pois, segundo Nelly Novaes Coelho, “Foi Monteiro Lobato que, entre nós, abriu caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem também a infantil” (2000, p.138).

Autores como Lobato e Lisboa, respectivamente, na prosa e na poesia, introduziram a infância como tema mais positivo na Literatura Brasileira, para além dos modelos meramente pedagogizantes, e Leite aderiu a essa postura, acrescentando a ela, porém, o tema da inclusão social, sendo *Burburinho* um exemplo significativo, sobretudo porque não somente tematiza a cegueira, mas também disponibiliza o texto para a leitura em Braille, já que se trata de uma edição bilíngue: para quem lê com os olhos [perfil potencializado pelas ilustrações de Maciste Costa e Flor Di Maria Fontelles], e para quem lê com as pontas dos dedos, esta preparada aos cuidados da respeitada Fundação Dorina Nowill, de São Paulo.

Portanto, para quem, como a menina Maria, “ama aprender” (LEITE, 2018, p.31), a leitura de *Burburinho* traz uma lição de encontro com a poesia da infância e uma lição de vida, pois, sem ser panfletário, o livro abre os olhos de todos nós para a importância de se respeitar o diferente, que, por ser diferente, não é pior ou melhor, é apenas diferente. Essas lições são possíveis sempre que, “Em algum lugar, um livro é aberto” (LEITE, 2018, p.07) – abra seu livro e embarque nessa viagem, montado(a) em seu “rinoceronte-branco”, mas vá com calma, sem algazarra, somente com atenção ao burburinho...



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 6.ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992a.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992b.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. 3.ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORREIA, Paulo Maués. Entre a carne e o verbo: uma leitura de *A Quatro Mãos*, de Daniel da Rocha Leite. In: *Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, ano VIII, nº 02/2016. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1298>.
- LEITE, Daniel da Rocha. *A história das crianças que plantaram um rio*. Belém: Ponto Press, 2013. (Coleção Livro Lamparina; 1)
- LEITE, Daniel da Rocha. *A menina árvore*. Belém: Twee, 2014. (Coleção Livro Lamparina; 2)
- LEITE, Daniel da Rocha. *Aguarrás*. Belém: Edições do Escriba, 2017.
- LEITE, Daniel da Rocha. *Burburinho*. Belém: Twee, 2018. (Coleção Livro Lamparina; 3)
- LISBOA, Henriqueta. *O Menino Poeta – Obra Completa*. São Paulo: Peirópolis, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 29.ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- MEDEIROS, Maria Lúcia. *Zeus ou a menina e os óculos*. 2.ed. Belém: Supercores, 1994.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

## SOBRE O AUTOR:

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2004). Mestre em Estudos Literários (UFPA, 2006). Doutorando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado do Pará. Bolsista da CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa “Makunaíma: literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina”, do CNPq. Como ensaísta, recebeu quatro vezes o Prêmio Carlos Nascimento, no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), o Prêmio IAP de Edições Culturais/2008 e o Prêmio Literário da Fundação Cultural do Pará (2017). Autor de livros sobre Literatura e cultura da Amazônia.